



BOULOGNE SUR-MER.

C. M. L.  
 GABINETE  
 DE ESTUDOS  
 LISIPONENSES

N'este porto, que é situado no canal da Mancha, e disputa a Calais a preferencia nas relações da França com Inglaterra, fez o imperador Napoleão 1 grandes aprestos, com o fim de executar um desembarque em Inglaterra, o que todavia não levou a effeito.

Bolonha **manter** relações commerciaes não só com a Inglaterra, mas tambem com diversas nações, para o que se fazem grandes equipamentos de navios.

É muito concorrida pelos que tomam banhos, e posto que a moda tenha feito espalhar por diferentes localidades os banhistas, ainda assim a flor da sociedade franceza não desamparou Bolonha.

## PESCA NOCTURNA

DESCRIPTA POR UM PESCADOR ESCOCEZ.

A medida que a noite se aproximava, o ceo tomava uma cor triste e carregada; o mar, agitado pela brisa em começo, projectava o ceo negro, e a sua superficie, desigual e sombria, absorvia os ultimos raios do sol no occaso. Um espaço bonançoso e prateado, pouco mais ou menos de vinte a trinta metros de extensão, agitava-se preguiçosamente no meio das trevas: dir-se-hia que sobre este ponto se lançara uma porção d'oleo. Obedecendo a algum outro motor que não a maré ou o vento, este campo move-dição aproximou-se de lado ás nossas boyas um tiro de funda da proa do barco, alongou-se, e fez a pausa d'um momento depois, tres d'ellas; levantando-se de repente sobre a estreita base com um abalo subito, afundiram-se.

«Uma, duas, tres! gritou um dos pescadores contando no momento em que ellas desapareciam; são dez barris certos.»

Deixámos correr alguns segundos. Desatando então uma corda fixa na proa, e puxando-a d'esta para a pópa, começámos a içar as redes. A proporção que as tres primeiras se aproximavam da superficie, a luz phosphorecente das vagas fazia-as parecer ardendo em chammas d'um verde desmaiado. Aqui e ali, um arenque brilhava atravez das malhas, ou passava nas negras profundidades como um foguete, um momento visivel pela propria luz. A quarta rede, a mais cheia de todas, reluzia por entre a agua que ainda estava a distancia de muitas braças. O verde desmaiado estava ali mesclado de pedaços de neve, que, flutuando no meio da massa luminosa, parecia, a cada sacudidela dada pelos pescadores, desfigurar-se, dissolver-se, e restabelecer-se de novo, enquanto fora, nas trevas que nos rodeavam, se acendiam e apagavam um sem numero de raios verdes, que não eram senão os peixes escapos á rede, e retidos junto dos seus companheiros captivos até que o movimento da agua os advertisse do perigo. A rede continha uma quantidade consideravel de arenques.

Quando os içámos, sentimol-os quentes ao tacto; porque no meio de grande copia de peixes, a temperatura é sempre mais elevada, circumstancia bem conhecida dos pescadores de arenques. Sacudindo-os das redes, percebemos um pequeno som agudo, igual ao grito do rato, mas muito mais fraco, causado de certo pela evacuação do ar, pois que nenhum peixe possui os órgãos do som. Algumas redes só tinham apanhado uma ou duas duzias de peixe miudo; mas as tres mais felizes rompiam-se com o peso. Esta primeira porção tinha-nos produzido uma duzia de barris, pouco mais ou menos.

Acordando, proximo á meia noite, encontramos, como anteriormente, o mar livre; mas o aspecto tinha mudado. A brisa succedera uma calmaria podre; o ceo, perdida a cor sombria, resplandecia d'estrellas; e o mar, unido como um espelho, similhava um segundo ceo, tão brilhante e tão estrellado como o outro, com a só differença de que seus astros parecia terem-se mudado em cometas, porque o ligeiro tremor das aguas dilatava as imagens reflectidas e prestava uma cauda a cada estrella. Não se distinguia a linha do horisonte. Do lado da costa, onde se elevavam as rochas escarpadas, duplicadas em altura na sombra fluctuante desenhada na agua, julgar-se-hia ver uma multidão de nuvens immoveis; mas esta apparencia não prejudicava a illusão. A sombria figura do barco estendia-se ao redor de nós como um fragmento de planeta quebrado, suspenso no espaço a igual distancia da terra e do ceo, e o orbe inteiro se desenrolava diante de nós do oriente ao occidente.

De facto, se as perspectivas sublimes fossent sufficientes para desinvolver as faculdades humanas, o espirito do pescador não permaneceria muito tempo inerte; mas assim como no daguerreotypo, a lamina de metal não retém as imagens senão depois de ter soffrido uma preparação que a torna *sensivel*, assim a intelligencia em que o sentimento do bello não tem sido despertado, não repara nem conserva nada dos sitios os mais maravilhosos.

A calma continuava, e a escuridão tambem. Só uma hora, pouco mais ou menos, depois de nascer o sol, é que a brisa caprichosa correu á superficie d'agua, communicando-lhe, em diversos sitios, uma cor cinzenta. Então formou-se uma mancha, seguida bem depressa de segunda, depois de terceira, e em um espaço de muitas milhas, a superficie prateada se cobria de pardo, como se a brisa, partida d'um ponto central, propagasse ao longe esta cor. Ao cabo d'alguns segundos, tudo tornou a estar tranquillo. N'este instante, de roda d'um novo centro, as manchas pardas restabeleceram-se, alargaram-se, e invadiram o golpho de Murray. Um ruido particular, similhante ao aguaceiro fustigando a terra com as suas multiplicadas gotas, se levantou em torno do nosso barco. A agua parecia feita d'uma multidão de pedaços de prata que scin-

tillavam um momento ao sol, depois cediam o lugar a outros pontos vivos e escorregadios, aos quaes outros succediam ainda. Milhares de arenques saltavam, brincando, a algumas polegadas d'altura; depois caíam, e desappareciam para tornarem a apparecer e saltar. Em breve toda a bahia se cobriu d'escuma. Os sons, multiplicados ao infinito, imitavam o ruido do vento nas grandes arvores, e ouviam-se ao longe. Este cesto vivente occupava ao largo centenas de milhas; mas ainda que elles brincassem aos milhares proximo ás nossas boyas, nenhum arenque nadava tão baixo como a borda superior das redes. Um dos pescadores pegou n'uma pedra e atirou-a acima da segunda boya: os peixes dispersaram-se e desappareceram.

«Foram-se, gritou elle, não importa; com tanto que mergulhem bem baixo! Ha quatro annos que eu apanhei na minha rede trinta barris de peixe miudo sem mais trabalho do que atirar-lhe uma pedra.»

O effeito d'esta vez não foi tão prodigioso; mas a terceira e ultima arrecadação que fizemos recompensou largamente as nossas fadigas.

Içando depois a vela por uma fresca brisa d'este, alcançámos a praia com uma carregação de vinte barris pelo menos.

Nem todas as noites dedicadas á pesca são tão tranquillias e prosperas. A borrasca vem ás vezes juntamente com esses immensos bandos de peixe, que ella sacode para a praia, com grave perigo dos barcos que o procuram, que ficam presos nos escolhos visinhos á terra. Sem cobertura, cheios d'agua ao mais pequeno desvio da costa, estes frageis barcos, não podendo fazer-se ao largo nem alcançar o mar alto, só lhe resta aproar á enseada ou porto d'onde saíram de manhã. Se não conseguem entrar ahi, pobres d'elles e das tripulações. Os despojos das cavernas, os remos quebrados, e muitas vezes os cadaveres que as vagas lançam á costa, attestam o triste drama do qual nenhum actor sobrevive. Uma cantiga popular no Escocia, intitulada *o arenque fresco*, chama-lhe a *morte dos pescadores*.

E comtudo os filhos e irmãos dos pobres naufragos largarão amanhã a vela e abrirão com os remos o sulco movediço que se fechou na véspera sobre aquelles que amavam. É que esta pesca, mortal para alguns, é a esperança e a riqueza de todos.

Na Escocia e na ilha de Man, emprega dez mil quatrocentos e oitenta barcos, tripulados por quarenta mil trezentos setenta pescadores e moços; em terra, sessenta e oito mil novecentas trinta e nove pessoas são occupadas em salgar e embarrilar o arenque. Se se accrescentar a esta cifra a das industrias que se prendem com ella, taes como a construcção dos barris, o fabrico das redes, das cordas, etc., teremos a enorme somma de 534324 libras esterlinas, ou 2.404:458 réis.

O luxo destróe as fortunas, e deprava os costumes.

## RETRATO DE CARLOS MAGNO.

FRAGMENTO TRADUZIDO FIELMENTE DA CHRONICA LATINA QUE ESCRVEU O SEU SECRETARIO EGINHARD, NO SECULO VIII.

«Vestia ordinariamente o mesmo trajo que os francos, a saber: camisa, e calçõesinhos de paninho, tunica de seda bordada, e calções; cobria as pernas com tiras, e o pé com um calçado muito apertado. A este vestuario costumava juntar no inverno outro de pelle, e segurava a espada n'um telim de prata ou oiro. Nas principaes festividades, e quando dava audiencia aos embaixadores, cingia uma espada guarnecida de pedras preciosas; porém nunca quiz usar trajos estrangeiros por mais magnificos que fossem: só duas vezes, a rogo dos papas Adriano e Leão, consentiu em vestir a tunica larga, a clamide, e calçado á romana. Nas grandes solemnidades e procissões usava uma tunica tecida de oiro, calçado cravejado de pedraria, e na capa um broche de oiro, e punha na cabeça um diadema onde brilhavam muitos diamantes. Pareo no comer, e sobrio na bebida, oitava com horror para quem se embriagava, especialmente se era pessoa do seu sequito. Custava-lhe muito privar-se de alimento, e queixava-se frequentemente dos jejuns lhe deteriorarem a saude. Só dava banquetes nas grandes festas, e n'essas o numero de convidados era consideravel. A sua comida ordinaria era de quatro pratos, além do assado, do que gostava muito, e que se lhe servia na mesma frigideira onde o assavam. Durante a mesa gostava de ouvir contar as façanhas dos antigos, ou que lhe lessem as obras de Santo Agostinho, a que dava muito apreço, especialmente a *Cidade de Deus*. Raras vezes, quando comia, levava a taça tres vezes á bocca; porém no verão, ainda que só comesse fructas, bebia em seguida; logo se despia, e dormia duas ou tres horas. Durante a noite despertava quatro ou cinco vezes, e em cada uma d'ellas se levantava. Em quanto se vestia recebia os seus favoritos, e quando o mordomo do palacio lhe annunciava algum pleito, de que elle devia tomar conhecimento, chamava logo as partes, ouvia as suas razões, e sentenciava; depois distribuia a cada um os seus afazeres, e aos ministros os negocios de que se deviam encarregar. A eloquencia de Carlos Magno era tão fecunda, que podia expressar todos os seus pensamentos, sem recorrer á lingua materna. Sabia o latim, e fallava-o com tanta facilidade como se fosse o seu idioma nativo. Comprehendia muito bem o grego, porém expressava-se n'elle com difficuldade. Havia-se dedicado com muito afinco ás artes liberaes; e por isso venerava os seus mestres, e honrava-os com beneficios. O diacono Pedro Pisan deu-lhe algumas lições de grammatica, e dos outros estudos foi seu mestre *Albim*, por outro nome *Alcuim*, diacono bretão, homem muito instruido em todas as sciencias. Carlos havia gasto com elle muito

tempo a aprender a rhetorica, a dialectica, e especialmente a astronomia: tambem se applicou á arte do calculo, ao estudo do curso dos astros, e a escrever, tendo sempre á cabeceira da cama, para se adestrar na escripta, taboletas e livrinhos; mas pouco adiantou n'isto, porque se dedicou já tarde, e fóra de tempo.»

## O ULTIMO ABBADE DE WHALLEY.

### II

#### Continuação.

Demdike desceu um pouco a encosta, passando pelo centro do circulo que havia traçado. Cravou então o pau no chão n'um dos logares em que pozera os boccados de tojo secco, e com tal força que o enterrou tres palmos pela terra dentro. Quando o arrancou viu-se rebentar um repuxo d'agua negra como tinta. Cravou outra vez o pau no chão, e enterrando-o do mesmo modo appareceu novo repuxo d'agua tão negra como a primeira.

Entretanto os soldados continuavam a avançar, contemplando este espectaculo, mas sem pararem um instante. Outra vez se cravou o pau no chão, e rebentara terceira fonte, negra como as outras. Já estavam bem proximos os soldados realistas, já se distinguiam as feições dos dois commandantes João Boaddyll, e Ricardo Asskton, e ouviam-se as suas vozes distinctamente.

—É elle, é o abbafe rebelde! bradava Boaddyll, avançando. Não nos enganaram. Estava tambem de vigia junto ao signal. É o diabo que o entrega ás nossas mãos.

—Andem! andem! bradou Demdike.

—Já não é abbafe, redarguiu Asskton; podeis chamar-lhe agora conde da Pobreza; hade ser enforcado no sitio aonde levantou o signal, para escarmento de traidores.

—Hereges! blasphemos! ao menos posso-me vingar, exclamava o abbafe cravando as esporas no cavallo.

Mas primeiro que desse um passo, Demdike tinha deitado a mão ás redeas, dizendo-lhe:

—Parae, ou morrereis juntamente com elles.

Ouviu-se então um estrondo semelhante ao do trovão, e cedendo todo o espaço de terreno marcado pelo circulo, arreventou com uma força irresistivel uma torrente negra, que, chegando á altura dos peitos dos soldados que avançavam pelo canal, levou todos e tudo consigo na sua impetuosa corrente.

Era horroroso aquelle espectaculo. As aguas negras reflectindo as chammas pareciam ondas de sangue. Nem era menos medonho ouvir os gritos das victimas, acompanhados pelo rugido da torrente. Lutavam em vão com a agua, e as pedras que esta arrastava no seu impeto derribavam

os que conseguiam tomar pé. Os que tentaram segurar-se ás hervas, sumiam-se para não tornar a apparecer, porque ellas eram um fragil apoio para vencer a força das aguas. Muitos morreram esmagados por grandes pedaços de rochedo que se deslocavam, e acompanhavam a corrente na sua descida, ou que encailhando por algum motivo era mais um perigo que encontravam.

Um homem pudera conservar-se n'uma d'estas pedras. Estendia ás vezes a mão para alguns dos seus companheiros que passavam, gritando junto d'elle. Mas não os podia soccorrer, e a sua propria posição era duvidosamente segura, e não a ousava abandonar, porque saltando para qualquer dos lados tinha inevitavel a morte.

As aguas saltavam espumando a muratha de pedra que se oppozera por um instante á sua força, mas esta cedera logo, e as suas reliquias acompanhavam-nas na sua carreira. Arvores, casas, gados, tudo desapareceu até que depois de encher um pequeno lago, encontraram o açude de um moinho. Aqui paradas, e não achando saída, formavam um redemoinho, aonde boiaram gados, homens, uns mortos outros meio vivos, até que com um estrondo immenso o açude cedeu, e a torrente rugindo e escumando continuou na sua obra de destruição, engrossada pelas aguas do ribeiro de Pendle.

O abbafe e os seus companheiros contemplavam esta horrivel devastação com espanto e terror. Pallido, e com o sangue gelado nas veias, Paslew suppunha aquillo tudo obra dos poderes infernaes, e que elle estava de combinação com elles. Tentou proferir uma oração, mas os seus labios se recusaram a proferil-a. Queria mover-se, mas parecia que os seus membros estavam paralyticos.

Demdike soltava uma gargalhada estridente de espaço a espaço, o que ainda mais exacerbava, a elle e aos seus companheiros, a horrivel agonia, que os devorava diante d'aquella scena horrorosa e medonha.

Depois de um certo tempo, em que a agua continuava correndo tão impetuosamente como nunca, Demdike virou-se para o abbafe, e disse-lhe:

—A vossa vingança está completa. Quereis agora baptisar a minha filha?

—Nunca, nunca, homem maldito! exclamou o abbafe. Podes sacrificar-a aos teus impios ritos! Mas ali vae um infeliz lutando com a corrente, poderei ainda salvá-lo?

—É João Boaddyll, o vosso mais acerrimo inimigo; tornou Demdike. Se elle viver possuirá ametade dos bens de Whalley. Mas salvae tambem a Ricardo Asskton, que está agarrado áquella pedra que está além, e se escapar, ficará com o resto. Apressae-vos, porque em menos de cinco minutos já ahi não estará!

—Salvai-os-hei se puder, aconteça o que acontecer depois! respondeu o abbafe.

E sem dar attenção ao riso ironico do outro,

que lhe bradava: «Haveis de ser enforcado á porta do mosteiro,» correu pela encosta abaixo até ao sitio aonde se via a cabeça de um homem fora da agua, e que escapara em consequencia da sua elevada estatura.

— Sois vós, João Boaddyll! disse o abbade, chegando defronte d'elle.

— Sim, respondeu este. Perdoae-me o mal que vos queria fazer, e salvae-me agora.

— Venho com esse intento, respondeu o abbade apeando-se, e atirando para longe o manto que trazia sobre os hombros.

Os dois pastores haviam-se tambem aproximado, e o abbade segurando-se á vara de um d'elles, entrou pela agua, deu a mão ao desgraçado que se não podia mover, enterrado como estava dentro do lodo, e ajudado dos pastores conseguiu salvá-lo de uma morte inevitavel.

— Agora acuda-se ao outro, disse Paslew apenas viu Boaddyll fora da agua.

— Já perdestes metade dos bens da abbacia, bradou uma voz, que parecia estar longe.

O abbade aproximou-se do rochedo a que estava agarrado Ricardo Asskton, e que estremezia aos impetos da corrente.

— Pelo amor de Deus ajudae-me, senhor abbade, dizia elle.

— Não tenhaes medo, Ricardo Asskton, acabo de salvar João Boaddyll, e se Nossa Senhora me ajudar salvar-vos-hei do mesmo modo.

Mas era mais facil o desejo do que a execução. O abbade preparou-se, e segurando-se á mão do pastor, estendeu a vara para Asskton, mas quando este a agarrou, a corrente fel-a voltar com tal impeto que o abbade viu-se obrigado ou a largal-a ou a entrar mais pela agua dentro. Attento á salvação de Asskton adoptou o ultimo expediente e perdeu immediatamente o equilibrio; a vara voltou-se, e o abbade e Asskton foram levados pela corrente.

Desapparecendo juntos, os monges, os pastores, e os couteiros julgaram-n'os perdidos, mas o abbade apesar de ferido pelas pedras, animava com palavras de esperanza o seu companheiro. Chegaram afinal ao lago, que as aguas haviam formado na base da montanha, nadando ambos com os sentidos amortecidos e as forças exaustas, e pelo mero instincto da conservação. Asskton desfalleceu de todo, e ia submergir-se, quando o cão negro de Demdike o agarrou pelos vestidos, e o trouxe para terra.

Então Demdike, alçando a voz, exclamou:

— Queres baptisar minha filha, abbade? Se o promettes, o meu cão salvar-te-ha como salvou o teu inimigo. . . .

Mas não era o seu destino morrer afogado. Quando tornou a si estava deitado n'um dos quartos do mosteiro, com o tecto custosamente doirado e pintado, e com as paredes cobertas de tapeçarias de Flandres, representando varios assumptos religiosos.

— Terei eu estado a sonhar! murmurou elle.

— Não, respondeu um homem alto que esta-

va á sua cabeceira. Fostes salvo da morte para padecerdes supplicio mais affrontoso!

— Ah! exclamou o abbade, erguendo-se, e passando a mão pela testa; tu aqui!

— Sim, estou aqui para vos guardar, disse Demdike; estaes preso n'um quarto no vosso proprio mosteiro. Tudo quanto vos havia dito aconteceu. O conde de Derby é senhor da abbacia, os vossos partidarios foram dispersos, e os vossos monges expulsos. Os abbades de Jervaux e Salley, vossos complices na rebelião, estão presos no castello de Lancaster, aonde ireis tambem, assim que estiverdes livre de perigo.

— Entregarei bens, oiro, tudo ao rei, para que me deixem morrer em paz! balbuciou o abbade.

— Poupar-vos-hão esse incommodo, tornou o outro; convencido de traição, os vossos bens pertencem á corôa, e serão todos vendidos, e comprados, como já disse, por João Boaddyll e Ricardo Asskton, que ficarão senhores de tudo.

— Quem me dera ter morrido na corrente, disse o abbade.

— E bem o podieis desejar, respondeu o seu algoz; mas não devia ser assim. Haveis de ser enforcado como já vos disse á porta do mosteiro, e eu e a minha mulher assistiremos á vossa execução!

— Quem és tu? perguntou o abbade. Não me é desconhecida a tua voz. É parecida com a de alguém que eu conheci outr'ora, e as tuas feições são como as d'elle; mas estás desfigurado, muito desfigurado! Quem és tu?

— Dir-t'ó-hei á hora da morte! respondeu o outro com um olhar que pintava o jubilo de uma vingança implacavel, e que ia ser satisfeita.

O abbade, abatido e prostrado, levantou-se da cama, e dirigindo-se a um oratorio, caiu de joelhos, e poz-se a orar perante a imagem da Virgem.

Continua.

## PRINCIPAES HERESIARCHAS, E CONCILIOS QUE OS REPRIMIRAM.

Continuação.

1048. *Berenger*, arcediogo d'Angers, foi o chefe dos *Sacramentarios*.

Esta palavra adoptou-se para designar os hereticos que negavam a presença real de Christo.

Foi Berenger um dos primeiros que ensinara que o Sacramento da Eucharistia era uma figura do corpo e sangue de Jesus Christo, não havendo porém mudança nas substancias do pão e do vinho.

Contra esta doutrina, que negava a transubstanciação, ergueu logo a Igreja a sua voz.

Tres concilios de Roma a fulminaram, e tam-

bem os de Verceil, Paris, Florença, Ruão, e Poitiers.

Berenger retractou-se finalmente, e morreu no seio da Igreja catholica apostolica romana.

Disse-se acima que elle foi *um dos primeiros*, porque nos fins do seculo IX, *João Erigeno*, appellidado *Scoto*, ou o *Escocez*, ensinou quasi os mesmos erros, sendo n'esse tempo refutado pelos mais eximios e famigerados bispos.

1106. *Pedro de Bruys*, natural do Delfinado, em França, atacou o baptismo, a eucharistia, as igrejas, e a cruz.

Os seus discipulos cognominaram-se *Petrobrussianos*, e depois da morte de Pedro de Bruys se appellidaram *Henricianos*, por terem tido então por chefe um tal Henrique, monge apostata, que propagou muitos dos seus erros, aceresentando-os.

Todos foram condemnados no segundo Concilio de Latrão, em 1139.

Continúa.

#### RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXXVI

Do ser desta ilha Terceira, e das villas e logares que tem.

Desta cidade de Angra ja tenho ditto' o ser d'ella. Tem para a banda do ponente muitos pomares, e vinhas, e muitas fructas de diversas maneiras. Tem acima, aonde se chama o Porto-Santo, quintas de muito preço, de muitos e muy grandes arvoredos de toda a sorte, uma fresca ribeira de agua que mana de muitas fontes, e nasce dentro em uma quinta de um padre chamado Pedro Botelho de Souza, visinho da Villa da Praia, quinta de grande recreação, e de estima, e preço. Correndo para o levante está uma freguezia, e o orago é do glorioso San Bento. Mais adiante pouco espaço está outra freguezia, do apostolo S. Pedro. Correndo mais adiante, como meia legua, estão muitas quintas, que dão muito vinho, e arvores em algumas dellas de muita fructa. Logo ao diante uma freguezia que se chama o Porto do Judeu, e o orago é o glorioso Sant'Antonio de Padua. Mais ao diante, quasi nada longe, está a casa da Salga, onde D. Pedro de Valdez perdeu a gente. Acima está uma villa antiga, que se chama a Villa de S. Sebastião, porque o orago da igreja, que é uma formosa igreja, é San Sebastião; muitas quintas, e vinhas, e pomares, que se chamam as vinhas do Porto de Martin. Abaixo desta villa, e da casa da Salga, estão aquelles tão celebres como afamados picos da Contenda, entre os quaes saiu a gente do marquez de Santa-Cruz, quando se entrou a ilha. Ao diante da Villa de San Sebastião, por cima, está outra freguezia,

que se chama Fonte do Bastardo, cujo orago é da gloriosa Santa Barbara. Mais abaixo está outra freguezia, ao longo do mar, e o orago d'ella é Santa Catharina. Mais adiante, pouco espaço, está a Villa da Praia, uma villa notavel, e grande, com suas fortalezas ab longo do mar, e a igreja grande, que é das melhores igrejas que ha nas ilhas; é Santa Cruz: tem outras muitas freguezias, e ermidas; como tem a Villa de San Sebastião nomeada atraz; tem um convento de frades, dois mosteiros de freiras, como na cidade. Ao diante desta villa está outra freguezia, que é o orago de Nossa Senhora da Pena. Mais abaixo outra freguezia; o orago della é de San Miguel, o Anjo. Ao deante está a Villa-nova, com sua casa da Santa Misericordia, como está nas outras villas, e o orago della é uma formosa igreja, que se chama o Espirito Santo. Acima della está outra freguezia, que se chama de Nossa Senhora da Guadalupe; esta freguezia é muito fresca, de muitas quintas de diversos fructos e bons, uma grande ribeira d'agua, onde estão muitos moinhos, e a Senhora da Guadalupe de muitas romagens, e muitos milagres. Ao deante está a freguezia de que é orago Santa Beatriz, logar muito fresco, e de muitos ribeiros. Ao deante está outra freguezia do apostolo S. Pedro: nesta freguezia ha muitas quintas, muitas vinhas, pomares de muitos fructos e bons, e pela ilha ha em outras muitas partes muitas vinhas e pomares que não declaro. Adeante desta freguezia está outra de S. Roque: é muito grande, e de ricos homens, como as mais atraz. Correndo ao deante para a banda do Sul está outra novamente feita, que se chama S. Jorge, e que é como curado. Tambem ha outro curado, acima da Villa da Praia, de S. João Baptista. Ao deante de S. Jorge está uma grande freguezia, e o orago é de Santa Barbara, com vigario, cura, e quatro beneficiados, como ha em S. Roque, e em outras atraz. Mais adiante, vindo ja para a cidade, ha outra freguezia do apostolo S. Bartholomeu. Abaixo mais perto da cidade, está outra do apostolo S. Matheus, ao longo do mar. Na cidade ha quatro freguezias, a Sé que é a maior igreja de todas as das ilhas; e Nossa Senhora da Conceição, outra grande igreja; e S. Pedro e Santa Luzia; e muitos conventos de frades, freiras, e o collegio dos padres da Companhia de Jesus. Haverá nesta ilha, afora as igrejas atraz nomeadas, de ermidas e outras que não nomeio perto de quarenta, que se tem por escusado nomearem-se. A ilha de si é muito alegre, muito fresca, de muitas aguas. Chama-se a Ilha Terceira de Jesu Christo, porque foi achada em domingo de Jesu, e está a ilha de Santa Maria primeiro, e logo a ilha de San Miguel, e logo esta que é a terceira, porque a ilha de Santa Maria foi achada por Santa Maria d'agosto, e a ilha de S. Miguel dia de S. Miguel o arbanjo, e esta dia de Jesu, que foi domingo do anjo, e em tudo foi a terceira, e esse é o seu nome.

## LXXVII

De como o marquez chegou á ilha de S. Miguel com armada, e tomou ali os soldados que estavam, e os mancebos que foram no batel.

Estava esta cidade tão inquieta com os francezes e inglezes, que nella estavam de presidio, que já estavam bem arrependidos de os consentirem na terra, em tanto que dormiam companhias de portuguezes ás portas dos capitães com receios delles se levantarem contra a terra, que tão desatinada gente é. Em dia do Espirito-Santo se costumava nesta cidade, e nas freguezias della, fazer-se bodas do Espirito-Santo; e em dia do Espirito-Santo do anno de 1583 comeram todos os francezes e portuguezes nas bodas, os quaes, ou os mais delles, se embebedaram ou esquentaram, e alguns portuguezes pela mesma traça, e acabado de comerem veio a travar um portuguez com dois francezes por se levantarem sem darem graças ao Senhor Deus, e logo arrancaram, e uns de uma parte, e outros de outra. As espadas nuas eram muitas: não havia quem apartasse: tudo era baralhado: os francezes levantados com caixas tocadas, e a guerra levantada: os portuguezes da mesma maneira. Acudio Manuel da Silva com os mestres-de-campo francezes, e inglezes a apartar. Era fogo que se não podia apagar. As mulheres pelas janellas com pedras aos francezes: durou a bulha por duas horas: a cidade ardia toda com fogo, e armas: houve dose portuguezes mortos, afora os feridos, e francezes como trinta, e alguns quarenta feridos. Elles eram grandes ladrões, assim francezes como inglezes, porque tendo Manuel da Silva guarda delles, vindo um Simão Dias, da Agualva, a vender um cavallo ao ditto Manuel da Silva, pelo qual lhe contou quarenta mil réis, que os inglezes da guarda viram contar; quatro dos quaes foram esperar ao ditto Simão Dias ao caminho, sabendo que ia com o dinheiro, e lhe deram mais de cem estocadas, e o mataram, sendo lavrador rico e honrado, e lhe tomaram o dinheiro, e o deixaram morto; e se tirou devaça, acharam por inquerição os inglezes serem vistos naquella parte. Foram logo presos, e sem tratos confessaram: levaram-nos todos quatro a enforcar, e haviam ser esquartejados. O principal, que indusio os outros, logo o enforcaram primeiro, e o esquartejaram; os tres, estando já para os pendurarem, por não matarem todos, os tornaram á prizão, e os metteram nas galés, porque havia uma galé feita, e outra que se estava acabando de fazer: nella andava gente que merecia morrer. Os portuguezes não andavam de noite sós pela cidade. Os francezes traziam suas rondas; os inglezes as suas; os portuguezes as suas. Uma noite vinha um Luiz Gonçalves de jogar: era homem esquerdo, alfaiate, e de muito esforço: encontrou com a ronda dos francezes, quizeram saber quem era, elle disse que se fossen embora; não quizeram senão saber quem era; metteram-se com elle ás cutila-

das, e elle com elles, e os fazia ir recuando: levavam duas alabardas; buscaram-lhe tempo, e lhe deram por uma ilharga, e o atravessaram, e acabaram o pobre homem sendo perto de meia noite; e pela manhan o acharam morto; era casado, tinha dois filhos. Os francezes iam pelos pomares e vinhas e hortas. Foram dois a uma vinha de um Melchior de Cea, e contra sua vontade queriam entrar nella, e logo levaram das espadas. Fez o dono da vinha tiro a um com uma pedra, e lhe deu nos fociños, e o virou de costas, e remetteu ao outro: fugio-lhe para a cidade: ao outro dia em amanhecendo foram quinze junctos: o da pedrada morreu: e elle Melchior de Cea se poz em um monte, que fazia em cima um pico alto, tudo de penedia, e não podiam ir acima senão por um só caminho. Os francezes não levavam senão espadas: o sobredito se pôs de cima ás pedradas, e os francezes não podiam ir senão um deante do outro, e em dando a pedra no primeiro, este caindo levava os outros abaixo, de maneira que durou a briga té passarem algumas pessoas, e os francezes estavam dois mortos, e os outros quasi todos feridos. Os mais portuguezes eram quatro; levavam bastões, foram-se aos francezes, e começaram a dar nelles, e mataram quatro, e os outros botaram a fugir, e os portuguezes atraz delles, e nisto cada vez havia mais portuguezes. Quando os francezes chegaram á cidade vinham sós dois, e bem feridos: os mais lá ficaram. Vivia um homem por nome Sebastião Alves, homem rico, cidadão da cidade, em uma sua quinta, aonde se chama a Terra-Chan, com sua familia, e escravos: á noite foram lá passante de vinte francezes: cercaram-lhe as casas, bateram ás portas: estes levavam armas de fogo, arcabuses, como ametade delles; dizendo-lhe que lhe abrissem: veio o ditto Sebastião Alves a uma janella saber o que era; vio muitos homens; perguntou o que queriam. Diceram que lhes abrisse senão que lhe haviam pôr fogo ás casas. Vendo-se o velho, e bem velho, mas bem disposto, nesta agonia, e tinha duas filhas, e sua mulher, e tres escravos, e um filho, não soube como se deliberasse. Sentio as casas cercadas, mas a uma porta estava um com uma alabarda. Não tinha por onde botar uma pessoa a chamar os visinhos senão por alli. Determinou-se um escravo sair: levou uma alabarda antiga de ferro largo, e abriu as portas, e de cima de uma janella deram com um remessão na cabeça ao francez, e o atordoaram, e gritou. O escravo saiu, e o passou de banda a banda com a alabarda, e logo se fechou a porta, e acudiram ao grito todos os francezes; e acordou-se o filho de Sebastião Alves de uma panella de polvora, aviou dois arcabuzes, e muitas armas, e aviou dois cães grandes e bons, os quaes como viram tanta gente com os morrões acesos matavam-se todos; e se desfaziam no ladrar. Subio-se por dentro o ditto seu filho ao telhado e tomou a panella de polvora bem tapada, com os morrões acesos fez como alcanzia, e a botou entre os fran-

cezes, e tal lume e força de fogo deu que os abraçou a todos, e os queimou, de sorte que os viram espojar pelo chão para matarem o lume dos fatos. E nisto sem o senhor o saber saíram os dois escravos por uma porta, um com uma alabarda e outro com uma souce roçadoura, e começaram a dar pelos francezes. E os cães como viram os negros cobraram coração, e se metteram a atassalhar pelas pernas os francezes. Elles estavam como pasmados porque o lume da polvora foi tão grande que crestou ao que o botou em cima no telhado, e ateou em os portões que estavam ardendo; e feridos todos, e queimados se pozeram em fugida, e os negros a dar e a derrubar, que não sabiam por onde iam. Veio abaixo o filho com um montante, e cortava, como queria, e no alcance foram á sua vontade; e já vinha outro negro com quatro vizinhos, que pouca mingoa faziam, e ainda feriram e mataram: de maneira que se affirmou que sós dois escaparam, e quei-

mados, que foram os primeiros que fugiram. Estes dois, diziam que os mandou enforcar o seu mestre de campo, pelo que depois lhe contaram. Os francezes faziam de continuo moeda falsa, e os tropeavam. Ninguem se tinha por seguro em suas vinhas, quintas, e hortas, fora da cidade. Manuel da Silva, com gente em sua companhia, as mais das noites andava pela cidade vigiando os portões e sentinellas, e uma noite houvera de matar uma sentinella que não dice quem era como mataram alguns portuguezes.

Continua.

Os monarchas constitucionaes seriam sempre justos, se não encontrassem ministros dispostos a subscrever seus caprichos.

O herdeiro do rico arma a casa de luto, e o coração de gala.

## AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES DO IMPERIO BRASILEIRO.

O editor e proprietario do Panorama começou em Janeiro de 1856 a publicação da Illustração Luso-Brasileira, que, apesar de estar longe do que devia ser, o que não admira, se se attende a que foi uma tentativa, era incontestavelmente o primeiro jornal litterario do paiz.

O anno de 1856 foi, infelizmente, bastante calamitoso; porém tal circumstancia não fez descoroçar o editor, que, encetando em Janeiro essa publicação, teve o gosto de concluir o volume em Dezembro do mesmo anno, tendo lutado com ingentes obstaculos.

No corrente anno quiz publicar o segundo volume, consideravelmente melhorado, o que lhe não foi possível por falta de assignantes.

Tencionando continuar para o anno futuro essa publicação, o editor confia que será ajudado pelos seus concidadãos amantes das letras patrias. Ninguem ignora que uma grande parte dos assignantes, tanto de Portugal como do imperio do Brasil, tem sido fraudados com algumas publicações portuguezas, suspensas em meio, ficando assim sem o dinheiro que n'ellas empregaram, e sem as obras, porque um livro por concluir é inutil.

Para que não haja receio de semelhante dolo, o proprietario da Illustração continuará esse semanario para o futuro anno de 1858, offerecendo a seguinte garantia, que attesta a sua lealdade, boa fé, e zelo pela nossa litteratura.

Qualquer pessoa que angariar no Brasil assignaturas para a mesma Illustração, deverá requisitar o numero de exemplares que precisa, para lhe serem remetidos regularmente á proporção que se forem publicando. As importancias das assignaturas deverão ser pagas no fim do an-

no; de maneira que, se o volume ficar incompleto, nada terão a pagar os correspondentes pelos exemplares que tiverem recebido, qualquer que seja o seu numero e valor.

Eis o que ainda ninguem fez!

O editor mostra assim que não a ambição, mas só o desejo de ser util ao seu paiz, o determina a continuar uma publicação, que demanda exorbitantes despesas.

É justo porém, que quem assim dá seguranças, as tenha tambem por parte dos outros.

O editor portanto pede aos senhores que se encarregarem de solicitar assignaturas, que quando fizerem a requisição dos exemplares, indiquem logo pessoa de credito, n'esta cidade, que deva pagar, immediatamente depois da publicação do ultimo numero do anno, a importancia de todas as assignaturas que forem enviadas durante o mesmo anno. Sem esta clausula, não se farão as remessas.

Os srs. correspondentes devem participar, até o fim de Setembro do corrente anno, qual o numero de exemplares que pretendem; afim de se poderem fazer as encomendas dos materiaes necessarios para um jornal de tal ordem, se o numero de exemplares pedido bastar para as despesas da sua publicação.

O preço da assignatura, pago no fim do anno, é 4\$000 réis fortes, livres de toda a despeza. Se porém algum sr. correspondente, confiando no proprietario, quizer pagar adiantado, tem o abatimento de 15 por cento.

Os srs. correspondentes terão a bondade de indicar o modo como desejam receber os exemplares.